Forum Sociológico

Série II

18 | 2008

Explorando os interstícios urbanos

Editorial

João Sedas Nunes

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/sociologico/214>

DOI: 10.4000/sociologico.214

ISSN: 2182-7427

Editora

CICS.NOVA - Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa

Edição impressa

Data de publicação: 1 junho 2008

Paginação: 7-8

ISSN: 0872-8380

Referência eletrónica

João Sedas Nunes, «Editorial», *Forum Sociológico* [Online], 18 | 2008, posto online no dia 19 julho 2012, consultado o 31 março 2022. URL: <http://journals.openedition.org/sociologico/214> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/sociologico.214>

Este documento foi criado de forma automática no dia 31 março 2022.

© CICS.NOVA

Editorial

João Sedas Nunes

- 1 Este é o segundo número da *Forum Sociológico* depois da revisão gráfica a que a revista foi sujeita e que, cremos, a modernizou e tornou esteticamente mais atractiva. No mais, mantém-se a opção que já vai sendo a marca da revista: cada número contempla um dossiê temático e/ou problemático que constitui o seu “prato forte”.
- 2 Desta vez o dossiê organizado por Andrea Mubi Brighenti e Ricardo Campos – que conta com uma introdução autónoma, justificando que aqui, neste Editorial, sejamos contidos a precisá-lo – retoma um dos objectos ao mesmo tempo mais consolidados e historicamente essenciais da sociologia: a cidade. Nem por sobre Georg Simmel durante muito tempo ter perdurado a aura de *auteur maudit* da sociologia (talvez por praticar uma sociologia muito arredia a abordagens positivistas) se pode hoje ignorar o carácter fundador para a própria disciplina do clássico ensaio de 1903 *Die Großstädte und das Geistesleben* que versa a relação entre a vida na metrópole e certas configurações mentais (mais exactamente certos fenómenos anímicos) que ela tipicamente engendra. Simmel vem ainda ao caso para grifar que o dossiê que *explora os interstícios urbanos* acerca a realidade citadina a partir de ângulos disciplinares e portanto teóricos nem sempre convergentes; certamente vinga uma *pauta de heterogeneidade*. Lembrava José Machado Pais (2002: 29) que “na sociologia simmeliana [...] tudo parece provisório, interino, experimental; nada nos é dado como um produto acabado ou integrado num sistema único e totalitário”. Ora, de certo jeito o dossiê inscreve-se nessa tradição; também ele, considerado no seu conjunto, nos oferece leituras, interpretações, representações da “realidade mas abstraindo-se voluntariamente da totalidade da mesma, de modo a que os fragmentos focados possam ser mais bem iluminados” (Pais, 2002: 29).
- 3 Como é de lei, há vida na revista além do dossiê. Este número integra mais quatro textos, dois artigos e outros dois publicados sob o escudo de *documentos*. Uma segunda vez se releva a pluralidade temática e problemática que permeia o dossiê.
- 4 Considerando primeiro os artigos, Maria do Carmo Lorena Santos propõe uma incursão pela sociologia do turismo anotando, entre regularidades representacionais de sorte promocional, os paradoxos em que o discurso publicitário se enreda quando se detém

em paragens longínquas e paradisíacas (ou pitorescas) como Cabo Verde: a *diferentia specifica* do arquipélago afinal compõe-se dos predicados e emblemas que, na visão turística, servem para classificar qualquer destino “exótico”. A diferença, ou melhor, as narrativas ao mesmo tempo fantasiosas e reveladoras da diferença aplanam-se então num tráfico de categorias incapazes de romper o véu da *doxa* turística.

- 5 Por seu lado, Bernard Lahire discute a relação entre diferenças culturais e desigualdades culturais, ou, para sermos mais rigorosos, as condições sociais que favorecem a conversão de diferenças culturais e dos bens e práticas que as objectivam em índice de capital cultural; que as submetem portanto a uma lógica de hierarquização e poder cultural, em suma: de distinção. Mas o autor não dissocia esta discussão duma outra referente ao declínio da cultura literária e artística, designadamente em contraponto com a emergência da cultura científico-tecnológica. Duma à outra, quer dizer, a propósito daquelas condições e destas variações Lahire introduz a noção de *desejabilidade colectiva*. É nesta que radica a transformação das diferenças culturais em desigualdades culturais; não podemos deixar de apreciar as flutuações de *desejabilidade colectiva* das culturas académicas para por seu turno explicar a modificação histórica da correlação de forças entre elas.
- 6 No primeiro dos documentos publicado neste número, Domingos Vaz recupera a questão urbana. Fá-lo observando as representações sobre a cidade da Covilhã, em tempos, quando constituía um enclave industrial pujante no interior do país, conhecida por a *Manchester portuguesa*, numa óptica que combina uma abordagem sócio-histórica (ou não fossem as condensações urbanas ao mesmo tempo espaços de sedimentação de memória construída e de manifesta inscrição física da história) e uma acuidade para os efeitos de posição designadamente profissional que sujeitam os protagonistas dos processos urbanos. Esta óptica, que organiza a matriz a partir da qual o autor restitui as modificações que a cidade conheceu em especial nas últimas décadas, abre ainda para os desafios e dilemas que, na perspectiva do desenvolvimento sustentável, a urbe covilhanense hoje em dia enfrenta.
- 7 Esse lastro de *conhecimento que informe a acção* também pulsa no texto Leonidas K. Cheliotis sobre a exclusão social, porventura o texto mais denso e intelectualmente exigente deste número. Inquietando-se em simultâneo com a exclusão social como conjunto de processos de marginalização colectiva realizada em vários tabuleiros sociais (económico, político, cultural) e como instrumento do conhecimento científico sobre a vida em sociedade, Cheliotis embarca numa digressão original que destaca as operações cognitivas de produção de seres moralmente inferiores como peça-chave que medeia e suporta o envolvimento, emocionalmente confortável, em condutas de exclusão. No limite, dos *seres moralmente inferiores* pode até ser subtraída a qualidade humana, fazendo transparecer aí claramente a forma *preliminar* da exclusão: uma exclusão cognitiva da *ordem moral* de pertença à espécie humana. Assim, uma teoria plena da exclusão social que pretenda apreender as manifestações *físicas* da exclusão nunca poderá ser dissociada do processo sócio-histórico, sempre inacabado e potencialmente reversível, de inclusão naquela ordem moral.
- 8 Aqui está, sumariamente apresentado, o “miolo” deste número desta “nossa” revista que leva no título a sociologia mas que tem feito e continuará a fazer questão de se abrir para outras disciplinas científicas da área das ciências sociais e humanas. Esperamos que cative. Resta-nos pois o convite. À leitura (e à) crítica.

BIBLIOGRAFIA

PAIS, J. M. (2002), *Sociologia da Vida Quotidiana*, Lisboa, ICS – Imprensa de Ciências Sociais.

SIMMEL, G. (2004), “As metrópoles e a vida mental”, *Fidelidade e Gratidão e Outros Textos*, Lisboa, Relógio d'Água, pp. 75-94.